

A minha Escola: um longo amanhecer¹

Presença de J. Santos Simões na Escola Francisco de Holanda (1957-1992)

Um ensino livre numa escola livre,
Um ensino para todos
numa escola para todos;
Só numa nação de todos,
só num país livre

J. Santos Simões, *Engrenagens do Ensino*, 1968, p. 33

Há, na história contemporânea de Guimarães, o antes e o depois de 25 de outubro de 1957, o dia em que um casal de professores chega de Coimbra, carregando uma criança de poucos meses, para assumir funções docentes na Escola Industrial e Comercial de Guimarães (EICG): Maria Açucena Matias das Neves, docente de Línguas Germânicas, natural de Covelo, no município de Gondomar, e Joaquim António dos Santos Simões, professor de Matemática, nascido na vila do Espinhal, no concelho de Penela.

Se, nas décadas que se seguiram, Maria Açucena, “mulher de corpo frágil, mas de temperamento de aço”², deixou transparecer uma imagem discreta, que seria a que melhor se coadunava à sua personalidade, não foi, seguramente, por não ter feito uso de voz própria, corajosa e interventiva — o que, não fosse a sua discrição, a deveria ter destacado entre as mulheres que resistiram ao fascismo em Guimarães. Basta lembrar o papel relevante que desempenhou no lançamento da revista *O Professor* ou o ter sido, no distrito de Braga, o rosto dos hoje quase esquecidos Grupos de Estudos, que lançaram entre nós a semente do

¹ Este texto foi escrito por António Amaro das Neves, com o apoio de Isabel Santos Simões. O título inspira-se num texto de 1988 de J. Santos Simões

² Simões, J. Santos, *Adeus a Ítaca*, Ed. do Autor, Guimarães, 1992, p. VII.

sindicalismo docente, e que o ministro da “democratização” do ensino, Veiga Simão, equiparou a *associações secretas*, ameaçando os seus participantes com a prisão e o afastamento do exercício de funções públicas.

Quase toda a vida de Santos Simões esteve ligada à escola, que começou a frequentar, em outubro de 1930, na velha escola de instrução primária do Espinhal, onde entrou já alfabetizado por seu pai, “que se entretinha a ensinar a ler”³. Em 1934, concluiu a escolaridade básica com a aprovação com distinção no exame da 4.^a classe, que realizou em Penela. Aos 11 anos, mudou-se para Coimbra, indo viver na *Casa Novíssima* do Seminário Maior, que irá frequentar até novembro de 1936. No ano letivo de 1937/38, sem sair de Coimbra, ingressou no Colégio Progresso. Em 1943, matriculou-se na Universidade de Coimbra, envolvendo-se desde logo na luta dos estudantes pela liberdade associativa. Em 1949, foi eleito, pela primeira vez, para os corpos diretivos da Associação Académica de Coimbra, de que viria a ser presidente no mandato de 1950/51, enquanto concluía as licenciaturas em Ciências Matemáticas e de Engenheiro Geógrafo.

Em outubro de 1951, estreou-se em funções docentes como professor do ensino particular, no Externato D. João de Castro, onde trabalhou até 1954, ano em que passou para o Colégio Portugal, onde também exerceu funções de direção, até 1957. Entretanto, em 1956, casou com Maria Açucena e viu nascer, no ano seguinte, o primeiro filho, António.

Em 1957, candidatou-se ao ensino público. Tendo sido colocado perante a necessidade de escolher entre ir viver para Silves ou para Guimarães, optou pela segunda cidade, motivado pelo “fator amizade” já que “nesta bela terra minhota viviam dois amigos muito caros”, companheiros dos tempos da Universidade, o médico José Emílio Vieira de Andrade e o advogado Eduardo José Salgado Lobo⁴. A colocação na EICG seria confirmada no dia 15 de outubro pela Direção-Geral do Ensino Técnico Profissional e a entrada ao serviço aconteceu dez dias depois.

³ Simões, J. Santos, *Memórias/Vila do Espinhal*, Ed. Junta de Freguesia do Espinhal, 2003, p. 39.

⁴ J. Santos Simões, “Recordação afectiva”, *O Povo de Guimarães*, 3/05/1996.

Nos anos seguintes, iria lecionar Matemática, Cálculo Comercial e Físico-Química.

À época, o diretor da escola era o escultor António de Azevedo, de quem Santos Simões se tornou amigo. Logo numa das primeiras conversas, Azevedo convidou o recém-chegado professor de Matemática para tomar a seu cargo a organização da biblioteca escolar, que reunia um acervo acumulado desde 1884, o ano da fundação da Escola Industrial Francisco de Holanda. Aceite o convite, Santos Simões cumpriu a tarefa de bibliotecário da escola, especialmente exigente após a inauguração das novas instalações, em 1959.

O espírito não-conformista e inquieto de Santos Simões não tardaria a ser reconhecido pelo seu colega Bernardo Sá Tinoco, professor de Técnicas Especiais – Ramo Têxtil, formado pela École Supérieure des Industries Textiles, de Épinal, França, que lhe lançou um desafio, em que se envolveriam os restantes professores e mestres do curso de tecelão mecânico, cujo programa era, na sua opinião, “um nada”. A ideia tinha algo de subversivo, já que passava por “ignorar o programa oficial (exceto no registo dos sumários!) e elaborar para cada disciplina um programa que contemplasse não só a formação de base, mas as exigências decorrentes da interdisciplinaridade, incluindo a componente oficial”.⁵

Esta experiência de *autogestão* não autorizada do curso têxtil da EICG seria bem-sucedida. Ao fim de três anos, saíam da escola técnicos qualificados que não tiveram dificuldade em encontrar bons empregos na indústria têxtil do vale do Ave. Não obstante o sucesso, a experiência não teria continuidade, porque os seus mentores foram afastados da escola.

No dia 8 de junho de 1961, o jornal *O Conquistador*, órgão do clero de Guimarães, publicou um escrito com o título “Atenção à frente interna! Nobre atitude da mocidade escolar”, de autor que não se identifica (assinava com o pseudónimo Paulo de Tarso), em que acusava um professor, sem dizer quem, de um estabelecimento de ensino, sem identificar qual, de proferir numa aula “umas afirmações graves, intoleráveis!”, sem informar quais, mas não tendo dúvidas em

⁵ Simões, J. Santos, *Adeus a Ítaca*, p. XII.

sustentar que, aquele que as proferira, tivera a “intenção bem manifesta” de ridicularizar a “crença dos alunos”⁶.

Cidade pequena, onde todos eram próximos e conhecidos, cedo se percebeu em Guimarães que se apontava o dedo a Albano Monteiro Soares, professor de Francês da EICG, referindo-se a uma ocorrência que tinha sido reportada ao novo diretor da Escola, Daniel Nunes de Sá, por dois professores de Moral, portadores de um papel, supostamente escrito por alunos, onde se reproduziam as palavras que eram atribuídas ao professor Albano Soares. O responsável enviou um ofício ao visado, informando-o da situação e pedindo-lhe explicações, que seriam prestadas e aceites. No dia 5 de junho, num novo ofício, o diretor instava o professor a continuar “a ensinar com gosto, dentro do sacerdócio capaz de lhe proporcionar a tranquilidade do espírito e a certeza de que, ao findar, nada lhe perturbará a plena consciência do dever cumprido”. O assunto estaria encerrado, evitando o diretor a necessidade de o reportar superiormente, não fosse ter sido tornado público nas páginas de um jornal.

O diretor viu-se então constrangido a informar o Diretor-Geral do Ensino Técnico e Profissional, através de um ofício em que justificava os seus procedimentos perante a denúncia que recebera, argumentando que o visado era “um professor competente, dedicado, assíduo e interessado em colaborar, não havendo quaisquer antecedentes que justificassem outras providências” e que o terceiro professor de Moral da escola, Padre Agostinho Campos de Carvalho, considerava que o assunto não tinha a gravidade que se lhe queria dar.

Aparentemente, as explicações do diretor foram aceites pela tutela, mas a publicação de *O Conquistador*, ao atrair a atenção dos vigilantes da PIDE, terá desencadeado outros desenvolvimentos.

Numa comunicação confidencial da PIDE, emitida em 10 de julho daquele ano, referente a “factos ocorridos na Escola Industrial de Guimarães”, eram dadas informações sobre quatro professores. O primeiro é Albano Soares, de quem se informa que “durante as aulas que dá, costuma fazer propaganda desfavorável à religião católica com afirmações como, por exemplo, de que ‘Fátima é uma vigarice e um negócio’; as procissões são paradas carnavalescas’, etc.”.

⁶ Paulo de Tarso (pseud.), “Atenção à frente interna! Nobre atitude da mocidade escolar”, *O Conquistador*, Guimarães, 8/08/1961.

Seguidamente, o informador trata de Sá Tinoco, revelando que, “quando dum peditório para as vítimas do terrorismo em Angola, respondeu que nada dava, que ainda não tinha um juízo formado sobre o problema de Angola e que por isso não lhe interessava”. O terceiro visado é Frederico Manuel Loureiro Flores Durão de Sá Ferreira, formado pela escola de Épinal, tal como Sá Tinoco, e que conciliava as funções de professor de debuxo (desenho têxtil) com o emprego na Fábrica de Tecidos de Campelos, e que é dado como “muito suspeito sob o ponto de vista político”, embora “cauteloso na sua maneira de se expandir”. O último do rol é Joaquim dos Santos Simões, descrito como “nitidamente desafeto à situação, mas que, aparentemente, a não hostiliza”, embora se suspeitasse que poderia ser, tal com o Sá Tinoco, o responsável pela “distribuição do jornal clandestino comunista ‘O Têxtil’”.⁷

Tanto quanto se sabe, dos quatro professores da EICG que eram objeto do *interesse* da polícia política, o único que, à época, tinha atividade política organizada era o engenheiro Sá Tinoco, que militava no Partido Comunista Português e de quem Salazar já dissera, em carta a Alfredo Pimenta, historiador vimaranense e diretor da Torre do Tombo, que “parece não ser só um leitor ou curioso de coisas comunistas, mas ter praça assente no partido e ser dele elemento ativo. Far-se-á o que se possa para o salvar. Devo, porém, dizer-lhe o que a experiência nos ensina: poucos retrocedem; a maior parte vai até ao fim.”⁸

Dos visados, apenas Albano Monteiro passaria, aparentemente, incólume à devassa da polícia política. No dia 21 de agosto de 1961, poucos meses depois do nascimento da sua filha Isabel, Santos Simões “foi mandado afastar do serviço por motivos de natureza política”, por despacho ministerial, sem especificar os factos que fundamentaram tal decisão, e sem que se lhe tivesse instaurado qualquer processo disciplinar (por ironia do destino, menos de um mês antes, um outro despacho do mesmo ministro, tinha elevado Santos Simões à categoria de professor extraordinário). Aquele mês de agosto não terminaria sem que Sá Tinoco também fosse afastado, do mesmo modo e pelos mesmos motivos, do ensino público. Por seu turno, Frederico Flores, que era professor provisório, o que o obrigava a submeter-se a concurso todos os anos, para poder assinar

7 Informação n.º 119/61, de 10-7-61, da Secção Central de Delegação do Porto da PIDE, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

⁸ Salazar e Alfredo Pimenta. *Correspondência 1931-1950*, Verbo, [Lisboa], 2008, p. 405.

contrato, também seria afastado do ensino, não voltando a prestar serviço na EICG.

Ainda naquele ano letivo, Santos Simões foi também demitido das funções de professor do ensino particular, que exercia em regime de acumulação no Colégio de Nossa Senhora da Conceição, em Guimarães. Mas como, mesmo entre pessoas que lhe eram politicamente muito distantes, eram reconhecidas as suas qualidades científicas, pedagógicas e humanas, não tardou a ser contratado para lecionar no Colégio Egas Moniz, onde começou a trabalhar no dia 1 de outubro daquele mesmo ano.

Santos Simões regressaria à escola numa noite de março de 1962, a convite dos alunos dos cursos noturnos, para assistir a um espectáculo por eles concebido, organizado e protagonizado. Num artigo a propósito deste efémero retorno, que publicou no primeiro dia de abril no *Notícias de Guimarães*, não esconde o que sentiu ao regressar à sua escola, da qual fora cruelmente afastado:

Depois de quatro anos de contínua e múltipla atividade com os alunos naquele estabelecimento de ensino — atividade toda ela tendente a prestigiar a Escola e a formar homens e mulheres, na plena aceção do termo, e não seres desmiolados e sem coluna vertebral — não foi como um estranho que de novo transpus as suas portas.⁹

Daqueles dias difíceis, Santos Simões não esqueceria que foi dos alunos que recebeu a maior e mais tocante prova de solidariedade. No dia 8 de abril de 1962, os estudantes puseram a correr um abaixo-assinado dirigido ao ministro da Educação Nacional, que era uma comovente declaração de respeito por um professor de que foram afastados:

Não sabendo ainda concretamente a razão, ficamos, neste Ano Letivo, privados de um dos nossos melhores professores e amigos, de um Homem que nos era querido e se impôs à nossa consideração pela forma como procurava resolver as nossas dificuldades, pela maneira como orientava as suas aulas e ainda pelo apoio moral que nos incutia, quando disso necessitávamos, e também pela sua bondade e generosidade, pela sempre e peculiar boa disposição, que era fruto do seu firme carácter, e

⁹ Simões, J. Santos, “Afirmção de presença”, *Notícias de Guimarães*, 1/04/1962.

o tornaram credor da nossa melhor estima, consideração e muito respeito: o Senhor Doutor Joaquim António Santos Simões.¹⁰

Pediam ao ministro que permitisse que “alunos e o professor saudoso e competente, possam encontrar-se, de novo, num amplexo fraterno e de inegável benefício para a nossa Escola”. Mas as cerca de seiscentas assinaturas que subscreviam o abaixo-assinado não seriam suficientes para demover a autoridade injusta e brutal de quem mandava em Portugal.

O afastamento de Santos Simões da sua escola prolongar-se-ia por longos 13 anos, tantos quantos os que o fascismo ainda durou em Portugal. No dia 1 de maio de 1974, quando nas ruas se celebrava a revolução que acabava de derrubar a ditadura, dirigiu ao Presidente da Junta da Salvação Nacional uma declaração em que comunicava a sua vontade de “ser integrado imediatamente como professor extraordinário da Escola Industrial e Comercial de Guimarães de onde foi compulsivamente afastado pelo governo fascista em 21 de agosto de 1961”. A reintegração chegaria através de um despacho do Secretário de Estado da Administração Escolar, com a data 16 de novembro de 1974 e efeitos retroativos a 1 de outubro. Passado quase um ano, por despacho ministerial 8 de outubro de 1975, foi provido com o professor efetivo do 1.º grupo da EICG, tendo-lhe sido mandado contar, para todos os efeitos profissionais, o tempo em que esteve afastado do ensino público por motivos políticos. O termo de posse que firmava o regresso pleno à carreira de que fora iniquamente afastado foi assinado no dia 3 de março de 1976.

No ano letivo de 1975/76, passou a exercer funções docentes na Escola do Magistério Primário de Guimarães (EMPG), a convite do respetivo diretor, o seu colega e amigo José Craveiro. O seu destacamento seria renovado nos dois anos seguintes. No ano letivo de 1979/80, regressa à EICG que, entretanto, recuperara o nome do seu primitivo patrono, passando a denominar-se Escola Secundária Francisco de Holanda (ESFH).

Nos anos que se seguiram, além de professor de Matemática, foi delegado de grupo, orientador de estágios e presidente do Conselho Diretivo. Em 1983, o

¹⁰ Documento do acervo de J. Santos Simões, disponibilizado por Isabel Santos Simões.

nome de Santos Simões conta-se entre os dos sócios fundadores do Sindicato dos Professores do Norte.

A sua preocupação com o presente e o futuro do ensino profissionalizante esteve sempre no centro das causas pedagógicas e sociais em que se envolveu. Em 1983, liderou o processo exemplar que conduziu à aprovação de uma proposta que apresentou ao plenário de professores da ESFH, que visava dotar a escola de ensino técnico-profissional têxtil capaz de responder às necessidades de mão-de-obra especializada da indústria de tecidos e vestuário da região. No ano letivo de 1984/85, começava a funcionar na escola o Curso Técnico Profissional Têxtil e Produção, um projeto pioneiro e inovador, inteiramente concebido e programado de raiz pelos docentes da ESFH.

Quando assume as funções de presidente do Conselho diretivo da ESFH, em setembro de 1984, Santos Simões tem, entre as prioridades para o seu mandato, a comemoração do centenário da criação da Escola Industrial Francisco de Holanda. O extenso programa comemorativo, que ajudou a conceber e a organizar, incluiu duas sessões solenes. Na primeira, realizada no dia 12 de dezembro, Santos Simões faz um discurso em que repassa a longa história da escola, fazendo o seu elogio, com os olhos no futuro:

Se a Escola procura hoje, através de uma renovação, que nem todos aceitam, acabar com discriminações chocantemente elitistas através de um cada vez mais prolongado tronco comum de escolaridade, se é igualmente certo que as discriminações sociais se mantêm por força de uma sociedade que, pese embora de cariz democrático, alimenta no seu ventre profundas e injustas distorções sociais, não queremos deixar de nos orgulhar na passagem deste I Centenário desta Escola pelo facto de ela ter sido ao longo da sua vida o lugar onde o proletariado, algum campesinato e principalmente a pequena burguesia encontraram resposta para a sua ânsia de promoção profissional, social, económica e cultural.¹¹

No dia 12 de janeiro de 1985, na segunda sessão solene, que contou com a presença do ministro da Educação, José Augusto Seabra, Santos Simões retomou

¹¹ Simões, J. Santos, *Adeus a Ítaca*, p. 96.

a linha que sempre orientou o seu pensamento, em defesa de novos caminhos para o ensino profissionalizante:

Esta Escola nunca deixou de prestar o inestimável serviço de formação profissional ao longo dos seus cem anos de existência, mas quando a extensão da escolaridade levou ao desaparecimento dos cursos profissionais, condenados de há muito por os jovens terem de fazer uma opção demasiado precoce e simultaneamente por estarem marcados por um ferrete de discriminação social, os cursos noturnos mantiveram-se sempre em funcionamento a responder às expectativas possíveis dos trabalhadores-estudantes.

O ensino técnico-profissional é hoje uma preocupação não só para o Governo como para determinados sectores da nossa atividade, principalmente da industrial.¹²

O mandato de Santos Simões à frente da direção da ESFH terminou em meados de setembro de 1985, com uma tomada de posição sobre a decisão de instalar o Centro Tecnológico Têxtil em Famalicão, defendendo a sua instalação em Guimarães, onde “complementaria, tanto a única Escola Secundária, com a única unidade universitária, com ensino apontado a esta grande região de monoindústria têxtil, fora da área metropolitana do Porto.”

Nos anos que se seguiram, Santos Simões retomou as suas atividades docentes, ensinando Matemática, assumindo as funções de representação dos seus colegas no Conselho Pedagógico, a que presidiu, como delegado de grupo, e de formador de professores, orientando estágios de profissionalização em serviço.

Em 1988, num texto em que correspondia a um pedido para que escrevesse sobre “a Escola, a nossa Escola”, onde tinha entrado pela primeira vez em outubro de 1957, Santos Simões reflete sobre a escola enquanto lugar onde os professores não apenas ensinam, mas também aprendem:

Mas o que tem sido mais significante para mim é o que ao longo da vida aprendi com os alunos, embora eles possam porventura julgar que não exercem qualquer influência sobre os professores. Embora não tenha que me penitenciar por injustiças deliberadas ou por

¹² *Id., Ibid.*, pp. 99-100.

comportamentos hostis para com os milhares de alunos com que convivi e embora mantenha uma mesma preocupação de exigência no aproveitamento escolar, o facto é que não me revejo, hoje, no professor que começou a sua carreira há 37 anos e que trabalha no ensino há 45 anos!

E, se a preocupação de mudança é devida à minha própria reflexão sobre o binómio ensino-aprendizagem e as transformações sociopolíticas, não é menos verdade que grande parte do meu aperfeiçoamento a devo aos alunos.¹³

Em 25 de Maio de 1993, Santos Simões foi homenageado pelos antigos alunos da Escola Industrial, que o elogiaram como “professor de Matemática, para alguns, e homem de cultura, para todos”

Santos Simões aposentou-se do ensino, em 1992, por atingir o limite de idade. Mas nunca deixou a escola, *a sua Escola*. Ao chegar ao fim do seu longo percurso na Escola, publicou um livro onde faz o balanço da sua caminhada enquanto professor, com o significativo título *Adeus a Ítaca*, que abre assim, como quem se despede:

ADEUS A ÍTACA

Penélope eterna,
teces o fio frágil, dúctil, sedoso e belo de gerações que acalentas ao seio,
repetidas por fluxos amorosos que Ítaca miticamente suscita.

A essas revoadas de gerações corresponde(u) sempre um amante (mil vezes renascido), viajante insatisfeito, marcado pelos deuses com um inapelável adeus a Ítaca,

suavizado pelo amor de Penélope.

¹³ Documento datilografado do acervo de Santos Simões, facultado por Isabel Santos Simões.

A cultura é desejo constante de cada um se descobrir no universo dos saberes.

O ensino-aprendizagem é a relha que abre sulco à descoberta do mundo e nos impele a estar vivos no meio dos vivos.¹⁴

¹⁴ Simões, J. Santos, *Adeus a Ítaca*, p. 5.